

## Resenha

HAN, Byung-Chul. **Falando sobre Deus**. Tradução de Milton Camargo Mota.

Petrópolis: Vozes, 2025.

Felipe Augusto Ferreira Feijão<sup>1</sup>

(Resenhista)

A mais recente obra do filósofo sul-coreano publicada no Brasil, *Falando sobre Deus*, está dividida em *Atenção, Descrição, Vazio, Silêncio, Beleza, Dor e Inatividade*. Nessas sete partes, o autor dialoga com Simone Weil, citando-a por várias vezes ao longo do ensaio, referindo-se a ela do começo ao fim. No capítulo intitulado *Atenção*, Byung-Chul Han trata da atual crise da religião. A religião passa por uma crise não porque seus conteúdos perderam a validade, não porque o ateísmo está em alta ou porque a igreja não tem mais credibilidade. “Não é Deus quem está morto. Está morto o ser humano ao qual Deus se revelava” (Han, 2025, p. 11). Aqui, é possível lembrar de Nietzsche na *Gaia Ciência* e da afirmação de que “Deus está morto”.

Han inverte a situação e proclama a morte do homem que crê em Deus, que permanece vivo. Mas o que significa dizer que o homem está morto? Está morto um tipo de homem ou de humanidade, que ficou no passado, que não se encontra mais na contemporaneidade, porque a atenção do homem de hoje está em crise: “Estamos virando gado consumidor” (Han, 2025, p. 12). O homem de outrora tinha capacidade de parar, de olhar, de escutar, de contemplar. No mundo atual, marcado pela *sociedade do cansaço* e pelo *espírito do medo*, ideias de Han, a “crise da atenção está ligada ao fato de que queremos apenas consumir tudo, devorar tudo, em vez de olhar” (Han, 2025, p. 12). Ao tratar dos vícios, problema dentro da falta de atenção, ele afirma: “As redes sociais também lançam mão de algoritmos viciantes para tornar as pessoas dependentes, para controlar e manipulá-las” (Han, 2025, p. 17). No mundo

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia, linha de pesquisa Ética e Filosofia Política, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor de Filosofia da rede pública do Estado do Ceará (SEDUC-CE). E-mail: fafeijao@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5535754507094999>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0170-075X>.

contemporâneo em que o antigo homem morreu, o novo homem, carente de *atenção*, está sempre com celular, sempre conectado. O homem digital nunca desliga, nunca se desconecta, daí porque o “celular é uma máquina de vício digital. Até mesmo o mecanismo de busca é, em última análise, uma máquina de vício. Ele atíça a excitação da caça” (Han, 2025, p. 18).

Numa época em que qualquer coisa viraliza e se torna meme, Han não deixa os fenômenos digitais passarem despercebidos em sua minuciosa análise: “Memes são vírus que se propagam nas redes sociais. A alma humana lhes serve, por assim dizer, como hospedeira para sua reprodução. Somente a atenção elevada é capaz de fornecer uma defesa imunológica contra esse contágio viral” (Han, 2025, p. 21).

Há aqui a defesa de que a atenção que se encontra fragmentada, precisa ser recuperada e praticada. O autor chama a atenção para o fato de que a etimologia da palavra religião remete a atenção. O homem sem atenção, o homem atual desatento “não pode estabelecer uma relação com os deuses. A atenção está hoje completamente estilhaçada. Por isso, também não conseguimos ler com atenção. Pela simples falta de capacidade de leitura, nós nos afastamos de Deus” (Han, 2025, p. 28).

Ou seja, sem atenção necessária, a ligação (religião) do homem para com o divino entra em crise. Para além do aspecto religioso, Han defende uma dimensão social da atenção:

O declínio da atenção tem consequências graves nas relações interpessoais. Tanto a empatia quanto o respeito se fundamentam na atenção ao outro. A sociedade se brutaliza quando perde a atenção ao outro. A falta de atenção ao outro também resulta no aumento da violência (Han, 2025, p. 30).

O homem atual é desatento, vive a crise da religião e está propenso a vícios digitais. Agora, o florescimento da inteligência artificial traz desafios ao mundo do trabalho: “A inteligência artificial é desprovida de espírito. Ela carece da atenção criativa. Por causa de sua falta de espírito, só pode trabalhar ou calcular. É útil, contanto que o espírito não se submeta a ela” (Han, 2025, p. 34). Na atualidade, marcada por avanços tecnológicos e facilidades para a vida humana, ele afirmar haver uma “escassez de genialidade” (Han, 2025, p. 35), sendo esta resultado da morte do homem atento. Existem muitas facilidades tecnológicas, o que deveria fazer com que os gênios se desenvolvessem. No entanto, o que acontece é o contrário.

É preciso estar alerta para o seguinte: “O capital tenta incluir tudo em seu ciclo para se multiplicar” (Han, 2025, p. 46). O capital pode ser sutil ao ponto de elaborar um discurso de convencimento da necessidade de uma volta à atenção e à espiritualidade, mas isso não passa de uma farsa porque

[...] o capitalismo submete tudo ao consumo e à produção. Até mesmo a espiritualidade é apropriada por ele. Mais uma vez, religião e capitalismo formam uma aliança estreita, como outrora o protestantismo, que se colocou a serviço do capital ao economicizar a salvação (Han, 2025, p. 46).

Na parte da *Descrição*, Han elenca outro elemento fundamental que estrutura a crise da religião. Trata-se do “fortalecimento maciço do eu (Han, 2025, p. 55)”. O sujeito e o indivíduo estão em alta: “O sacerdote de si mesmo chama-se, no vocabulário do regime neoliberal, o empreendedor de si mesmo. Cada um se produz e se performa a si mesmo. O eu ruidoso mantém Deus afastado de nós” (Han, 2025, p. 56). O autor sustenta a ideia de que é necessário um apagamento do homem, isto é, sua *descrição*, para que haja maior atenção e o retorno para o divino. Nesse sentido, é possível recordar o trecho do livro de João em que ele responde que “é preciso que ele cresça e eu diminua”.

Na parte *Vazio*, Han propõe uma “ética do vazio”. Essa ética diz respeito a “um despegar-se do querer-a-si-mesmo” (Han, 2025, p. 71), seguindo a mesma linha da crise da religião, da crise da atenção e da descrição. É preciso colocar em prática a ação de desapegar de si.

Na parte *Silêncio*, aparece outro aspecto importante para a compreensão da crise da religião, que é a “perda do silêncio. A modernidade é uma era do barulho” (Han, 2025, p. 87). A época atual é marcada pelo homem sem atenção. Isso se deve à falta de silêncio, pois impera o barulho: “O mundo inteiro se transforma num mercado ruidoso. Tudo agora é mercadoria. Tudo faz barulho e grita por atenção. A própria vida está ganhando a forma de mercado e de mercadoria” (Han, 2025, p. 88). Mais uma vez, o capitalismo surge com sua força e intromissão: “O capitalismo não ama o silêncio. Quanto maior a produtividade, mais barulho é produzido. O barulho aumenta o capital. Ou o capital gera barulho para se multiplicar. O silêncio não produz” (Han, 2025, p. 89). Para voltar a ter atenção, o homem precisa de silêncio.

O mundo digital também faz barulho porque a “hipercomunicação digital destrói o silêncio. A informação, como tal, é um ruído [...] A informação, enquanto ruído,

estilhaça a atenção” (Han, 2025, p. 89). Ora, o momento presente é marcado pelo excesso de informações. Todos os que utilizam as redes sociais podem ser vítimas dos algoritmos, dos memes e dessa forma de comunicação efêmera, que gera desatenção e barulho. “O espírito necessita do silêncio para produzir ou receber algo totalmente diferente. O silêncio reina no âmbito da criação” (Han, 2025, p. 90). Nessa era digital, de informação e de inteligência artificial, há uma “digitalização da realidade. As informações se põem na frente da realidade [...] A comunicação digital se esgota na troca de informações. Por isso faltam-lhe todo contato e presença imediatos” (Han, 2025, p. 91).

Em *Beleza*, Han observa que falta à beleza espiritualidade. “O like é sua palavra de ordem” (Han, 2025, p. 101). O *like* é dado para qualquer coisa, indicando que aquilo é legal, é bom, é belo. Mas isso banaliza a beleza. O artista precisa de atenção, precisa contemplar, precisa do silêncio para criar. “No digital, o ser humano encontra apenas a si mesmo [...] Ao contrário da arte, a tecnologia destrói a beleza da matéria ao submetê-la ao poder de disposição humano e ao degradá-la a mero meio para um fim” (Han, 2025, p. 116).

Em *Dor*, Han resgata a necessidade que o ser humano tem de sentir dor para estabelecer relações com o outro. “Sem dor, desenvolve-se uma indiferença [...] A incapacidade de sentir dor leva, em última análise, à falta de empatia” (Han, 2025, p. 124). No atual momento, nada pode doer, e o bem-estar se tornou lema. Sem dor, o ser humano não será empático. “O curtir permanente leva, por fim, a um entorpecimento da alma e do espírito. Digitalização é anestesiação. Mas o essencial nasce na dor. A dor também é a parteira do novo. Sem ela, estamos presos no inferno do igual” (Han, 2025, p. 127).

E em *Inatividade*, o autor conclui o ensaio ao afirmar: “Na sociedade do desempenho neoliberal, senhor e escravo se tornam um só. O escravo é apenas aparentemente libertado para se tornar senhor, ou seja, empresário de si mesmo” (Han, 2025, p. 133). Ele critica a ideia que muitos trabalhadores têm de se tornarem autônomos, sem a necessidade de cumprimento de horário e sem chefe para mandar e desmandar no serviço. Essa ideia é uma enganação do capitalismo. “A digitalização do mundo da vida mostra também que o ser humano se torna escravo de suas próprias criações” (Han, 2025, p. 134). A atual manifestação do capitalismo em neoliberalismo “não opera com ordens e proibições. Ele é caracterizado pela

permissividade [...]. Não é repressivo, mas sedutor” (Han, 2025, p. 135). Assim, pode-se entender por que tantos se deixam viciar por essa digitalização. “Habitamos um curral digital que nos transforma em gado de informação, comunicação e consumo” (Han, 2025, p. 136). Han faz a crítica da sociedade atual, elencando os elementos que compõem a crise da religião: morte do homem, falta de atenção, falta de silêncio, império do eu. Para que o ser humano volte a estabelecer contato com Deus, para que retorne à sua dimensão espiritual e a desenvolva, é necessário que volte a cultivar a atenção, o silêncio e o desapego de si, estando alerta para as armadilhas do mundo digital.

Recebido: 11/06/2026  
Aprovado: 01/09/2026